

Álvaro de Castro		1924 <i>Os partidos monárquicos, ao fraccionarem-se, tinham aberto o reduto aos republicanos; sem as dissidências, a ambição de chefias, a estúpida vaidade de dirigir, a Monarquia teria vivido. Os republicanos, esquecidos da origem da sua vitória, lançam-se na mesma via. Faltava-lhes o ideal, o amor às instituições, à República. Só o povo a amava e desejava salvá-la. Acreditava em todos os elixires como, ante as doenças de pessoas queridas, em última extremidade, se chamam nigromantes, endireitas, medicastrois e mulheres de virtude. A hora é melindrosa, em demasia (Rocha Martins).</i>
	Do governo da Seara Nova aos Canhotos, com golpes radicais e um partido do patronato	

● **Surrealismo, Escola de Frankfurt e Hitler a escrever *Mein Kampf*** – No ano da morte de Lenine, da emergência do surrealismo e do aparecimento do Instituto de Pesquisas Sociais, base da Escola de Frankfurt, António Sardinha consagra-se, com *Ao Princípio é o Verbo*, enquanto, nesta senda, surge, de Fernando Campos, *Os Nossos Mestres ou o Breviário da Contra-Revolução*. Já João Franco publica e prefacia *Cartas de El-Rei D. Carlos*, em 28 de Julho, enquanto António Sérgio, edita pela Biblioteca Nacional, a *Antologia dos Economistas Portugueses- Século XVII*, onde recupera Luís Mendes de Vasconcelos, Manuel Severim de Faria e Duarte Ribeiro de Macedo. Destaque para Adolf Hitler que, na prisão, escreve *Mein Kampf*, enquanto em Espanha Miguel Primo de Rivera funda a *Union Patriótica*. Em 15 de Novembro desaparece no Mar do Norte o aviador Sacadura Cabral.

● **A questão do sebastianismo** – Carlos Malheiro Dias publica *Exortação à Mocidade*, conferência que não lhe foi possível proferir na Faculdade de Letras de Coimbra, apesar de convite do director, Eugénio de Castro, onde clama: *quem tem razão não é o racionalista, mas o poeta visionário* (referindo-se a António Nobre). *D. Sebastião foi uma reencarnação do Portugal do século XV: o seu misticismo, a sua bravura, a sua pureza reencarnada*, defendendo que Lisboa volte a ser *a cabeça dum grande império, a metrópole dos Estados Unidos de Portugal*. Na altura, o exilado monárquico, alinha com António Sardinha e Afonso Lopes Vieira. A tese é fortemente contestada por António Sérgio que qualificava o rei desaparecido como um *fanfarrão*. A polémica estende-se até 1925 com réplica de Malheiro e tréplica de Sérgio.

● Começa **greve dos funcionários** das finanças, numa altura em que prossegue a actividade bombista, fomentada pela *Legião Vermelha* (Janeiro). Manifestação contra a carestia de vida, reúne cerca de cem mil pessoas em Lisboa (22 de Fevereiro). Dois dias depois, o governo proíbe manifestação

convocada pela USOL, contra a opressão capitalista e política.

● **Gaioleiros** – Abate em Campolide de um prédio de quatro andares, ainda em fase de construção (20 de Março). Há doze mortes, o que provoca manifestações sindicalistas contra os então chamados *gaioleiros*, nome dado aos empreiteiros especuladores que não

garantem condições mínimas quanto à segurança dos edifícios que construíam.

● **Greve dos funcionários públicos** (18 de Abril).

● Congresso do **partido democrático**, sem críticas ao governo (25 de Abril). Contra a direcção, aparece a contestação de Vitorino Guimarães. Afonso Costa, que tinha vindo a Lisboa, solicita ao partido que dê apoio ao gabinete de Álvaro de Castro, o qual convida Costa para embaixador em Londres, mas recusa, acabando por substituí-lo outro vulto eminente dos democráticos, Norton de Matos

● **Anarco-sindicalistas** – CGT promove vários comícios comemorativos, protestando contra as *perseguições aos avançados* (1 de Maio). Greve dos transportes no Porto (15 de Maio), com a cidade chega a ser cercada por forças militarizadas. Polícia dissolve comício da USOL contra as *manobras da direita* (29 de Junho), numa altura em que são marcantes as divergências entre os próprios sindicalistas, com muitos dirigentes da CGT a quererem alinhar com a Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em Berlim em 1919, e outros a optarem pelos comunistas da Internacional Sindical Vermelha, fundada por Lenine em 1923. Aliás, se os socialistas elogiam o governo de Álvaro de Castro, já a CGT saúda a queda do gabinete.

● **Confrontos nos Olivais**. Morte de três operários e de um polícia. A operação resulta de uma cilada montada pela polícia aos terroristas, mas não surte efeito. A CGT vai falar no *fuzilamento dos Olivais* (28 de Maio).

● **Sublevação dos aviadores na Amadora** de 3 para 4 de Junho, depois da demissão do respectivo comandante, em conflito com próprio Álvaro de Castro (3 de Junho). Termina com tropas de Queluz a cercarem o campo. O presidente do governo chega a aceitar entrar em duelo com o aviador Ribeiro da Fonseca no dia 2, com a imprensa a mostrar as fotos do recontro. Álvaro de Castro, que considera inevitável a queda do gabinete, telegrafa a Afonso Costa, solicitando que o mesmo chefe o próximo executivo.

● **Congresso do Partido Socialista** – No XI Congresso, realizado no Porto, em Junho de 1924, o partido passa a ser dominado por Ramada Curto e Amâncio Alpoim. Tinham

então, no Porto, o jornal *República Social* e em Lisboa *O Protesto*.

● **Medo de um golpe à Primo de Rivera** – Começa a falar-se numa hipótese de golpe à espanhola. No dia 24, o deputado monárquico Cancela de Abreu, chega a declarar, em plena Câmara dos Deputados, que *o país está entregue a uma quadrilha de ladrões*. Tudo se agrava quando o governo não consegue apoio da oposição para a operação do empréstimo externo e o escândalo rebenta quando se anuncia que 49 toneladas de moeda de prata estão quase a partir para Londres, a fim de se garantir o empréstimo externo. Há uma tumultuosa sessão parlamentar sobre a questão no dia 27 de Junho e, no dia seguinte, é aprovada uma moção de desconfiança, apresentada pelo democrático Vitorino Guimarães. No dia 30 já é suspenso o embarque das *coroas*.

● **Não há Exército nacional** – *Não há Exército Nacional. Há a guarda pretoriana da República burguesa carregando o orçamento com cifras monumentais, roubando ao País os homens bons que trazem da aldeia para na cidade se indisciplinarem, para se desmoralizarem, para se sifilizarem* (Sarmento Pimentel, num artigo publicado na *Seara Nova*)



● **Governo nº 90** (6 de Julho) **Rodrigues Gaspar** (139 dias, quase cinco meses). O vigésimo governo pós-sidonista, com *predominância democrática* (Cunha Leal), contando com a colaboração dos alvaristas e de outros republicanos independentes. Afonso Costa, convidado pelo próprio presidente Teixeira Gomes, continua a recusar o regresso à política activa, enquanto os católicos assumem a neutralidade.

● Na agricultura, Rodrigues Gaspar (interino) e, depois, António Alberto Torres Garcia, desde 22 de Julho. Na justiça, João Catanho de Meneses. Na finanças, Daniel José Rodrigues (1877-1951). Na guerra, general Ernesto Maria Vieira da Rocha. Na marinha,

o independente Fernando Augusto Pereira da Silva. Nos negócios estrangeiros, Vitorino Henriques Godinho. No comércio, Henrique Sátiro Lopes Pires Monteiro. Nas colónias, Álvaro António Bulhão Pato. Na instrução pública, o independente António Abranches Ferrão. No trabalho, o alvarista Rodolfo Xavier da Silva.

● **Bonzos, canhotos e centristas** – Sem Afonso Costa, com o partido democrático dividido entre o grupo maioritário de António Maria da Silva, os chamados *bonzos*, o grupo esquerdista dos chamados *canhotos*, liderado por José Domingues dos Santos, e o grupo centrista, de Vitorino Guimarães, surgem três experiências governamentais falhadas, entre Julho de 1924 e Agosto de 1925. Primeiro, tenta-se a ala *bonza* com Rodrigues Gaspar, até Novembro de 1924, ainda com o apoio dos alvaristas. Segue-se a ala *canhota*, com José Domingues dos Santos, até Fevereiro de 1925, ainda com o apoio dos alvaristas e com mais um recurso aos *seareiros*. Finalmente, a ala centrista, com Vitorino Guimarães, até Julho de 1925, de novo com os alvaristas, mas já sem os *seareiros*. Três governos, onde funciona como força apoiante, o *bloco* de democráticos e alvaristas, com forte oposição de nacionalistas, até que, de Julho a Agosto de 1925, se experimenta a solução de António Maria da Silva, já sem o apoio dos alvaristas e com a rebeldia frontal dos *bonzos* que acabam por ser irradiados do partido.

● **A falta de unidade dos democráticos** – O primeiro modelo, o de Rodrigues Gaspar, entre o Verão e o Outono, continua a ser, segundo a típica expressão de Cunha Leal, um *cacharolete político com vincante predominância do PRP*. Colaboram os membros da *Acção Republicana* e são mobilizados alguns republicanos independentes. O governo, marcado pelo vazio de Afonso Costa, o *messias* que recusou responder ao apelo de Teixeira Gomes e de Álvaro de Castro, depois de receber uma moção de confiança (45- 24), não consegue, contudo, garantir a unidade dos democráticos, apesar dos apelos de Afonso Costa, começando a concretizar-se a futura dissidência esquerdista. Chega mesmo a organizar-se um encontro para a pacificação dos *marechais* democráticos, em

26 de Agosto, com a participação de Afonso Costa e a presença de Álvaro de Castro.

● **As finanças** – Em primeiro lugar, saliente-se o modelo de política financeira, nomeadamente pela valorização do escudo, que visa dar continuidade aos esforços reformistas do anterior gabinete de Álvaro de Castro e que tem alguns frutos no começo do Verão, com a descida do custo de vida, sofrendo, contudo, um refluxo, a partir de Outubro.

● **O patronato** – Em segundo lugar, é durante este governo que, com o apoio das principais associações patronais, se instituiu a *União dos Interesses Económicos*, estabelecendo-se uma aliança entre os agraristas, os comercialistas e os industrialistas. Aliás, o grupo logo trata de comprar às Moagens o jornal de maior circulação no país, *O Século*. E nesta onda, o governo ensaia uma política de liberalização do comércio, traduzida pela extinção do Comissariado Geral dos Abastecimentos, medida que o governo seguinte, do esquerdista José Domingues dos Santos, logo iria revogar.

● **A ordem pública** – Em terceiro lugar, o gabinete de Rodrigues Gaspar não consegue encontrar forma de garantir a ordem pública, havendo várias tentativas de revolta. São forças do exército e da GNR que entram em refrega, com cerca de uma dezena de mortos, havendo, então, uma sucessão de atentados bombistas. É o chefe da Legião Vermelha a evadir-se da cadeia do Limoeiro. E são duas revoltas radicais abortadas em 28 de Agosto e 12 de Setembro, já com a participação dos comunistas. Não admira, pois, que comece a falar-se num salvacionismo fascista, à maneira italiana, como propõe o periódico a *Ditadura*, dirigido por Raúl de Carvalho, apoiado por antigos sidonistas, ou num autoritarismo, à espanhola, segundo o estilo de Primo de Rivera.

● Aliás, as **forças marginais do regime** também vivem em turbulência. Os católicos continuam agitados pelas polémicas travadas entre os defensores do Centro Católico e os críticos do jornal *A Época* e, entre os sindicalistas, agrava-se a ruptura dos anarco-sindicalistas com os comunistas, seguidores da Internacional Sindical Vermelha. Em Novembro, o gabinete já cai, por desinteligências dentro dos democráticos,

com José Domingues dos Santos a aliar-se à oposição, dando-lhe a vitória, na votação de uma moção de confiança ao governo apresentada por António Maria da Silva.

● **Católicos contra o golpismo** – *A minoria católica condena e reprova, por fundamentalmente prejudicial ao povo, qualquer facto revolucionário, venha ele dos governantes com o nome de “golpe de Estado”, venha dos governados com o nome de “jornada gloriosa”*. Rejeita todas as ditaduras sejam as de um regime, como a de Mouzinho da Silveira, as de um partido, como a de João Franco, ou as de um homem, como a de Sidónio Pais. Alerta contra os messias porque a *solução da crise nacional está em cada um de nós, cumprindo simplesmente, mas inteiramente o nosso dever* (António Lino Neto).

● **Agitações** – Confrontos entre exército e GNR, com refrega no Parque Eduardo VII (14 de Julho). Evasão do chefe da Legião Vermelha (24 de Julho)

● **Movimentações fascistas**. Anuncia-se a criação de um movimento destinado a *salvar a pátria*, com Tamagnini Barbosa, Teófilo Duarte, Eurico Cameira e Raúl de Carvalho, antigos sidonistas, numa altura em que o líder do CCP, Lino Neto, critica frontalmente Mussolini, pelo *oportunismo e falta de preparação intelectual* (24 de Julho).

● O jornal *A Época* anuncia o falhanço de uma **tentativa golpista** de assalto ao forte da Ameixoeira que teria sido preparada por Martins Júnior, que deseja como chefe Gomes da Costa. Insinua-se que o golpe visa colocar o partido radical no poder e que o futuro ministro do trabalho seria Carlos Rates, secretário-geral do PCP (13 de Agosto).

● **Revolta abortada** do castelo de S. Jorge. Presos 8 comunistas e um radical (28 de Agosto).

● **Nova revolta radical** (12 de Setembro). Combinada numa leitaria, em frente ao Teatro Apolo, tendo como objectivo assaltar o ministério da guerra e a central dos telégrafos. Mas apenas chega a ser ocupado o edifício da Alfândega, pelo major Pires Falcão. Paradoxalmente, enquanto decorrem estes golpes radicais, a imprensa democrática e anarco-sindicalista continua a alertar para o perigo de um golpe fascista.

● Comício da *Federação Nacional das Cooperativas* **contra a ditadura das forças vivas** (25 de Setembro).

● Criada a **União dos Interesses Económicos**, financiada pela CUF e pelos latifundiários, com o apoio expresso da Associação Comercial de Lisboa, Associação Comercial do Porto, Associação Industrial Portuguesa e Associação Central da Agricultura Portuguesa (28 de Setembro). Entre os subscritores, Martinho Nobre de Melo, Pereira da Rosa, Pequito Rebelo, Nunes Mexia e Filomeno da Câmara. A nova organização vai promover operações de *lock out*, a que a CGT responde com greves e comícios. Comprarão o jornal *O Século*, no dia 24 de Outubro.

● **Agitação** – Tumultos no Porto e em Espinho, face ao movimento de *lock out*, promovido pelo patronato (14 de Outubro). Greve geral em Guimarães contra o aumento do custo de vida (28 de Outubro). Governo proíbe comício que pretende comemorar o aniversário da revolução bolchevique (7 de Novembro).

● **Governo nº 91** (22 de Novembro) **José Domingues dos Santos** ²⁷(85 dias, quase três meses). Durante cerca de dois meses e meio, vai tentar-se uma experiência de um governo *canhoto*, o vigésimo primeiro pós-sidonista.

A chefia do novo gabinete resulta de uma indicação formal do directório do partido democrático, mas nasce de uma reunião a que intencionalmente faltam os membros do grupo *bonzo*, como António Maria da Silva, Manuel Pinto de Azevedo e Catanho de Meneses. O governo, com cinco *canhotos* mobiliza também *seareiros* e *alvaristas*, reunindo pessoas categorizadas. Tem o apoio parlamentar dos alvaristas e dos democráticos, mas com vários deputados deste partido a saírem da sala, como António Maria da Silva, Rodrigues Gaspar e Vitorino Guimarães.

● Presidente, José Domingues dos Santos ocupa o interior e a marinha. Na justiça, o *canhoto* Pedro Augusto Pereira de Castro, *gordo, forte, jacobino de recente data*. Nas finanças, o também *canhoto* Manuel



Gregório Pestana Júnior², formado pelos jesuítas de Campolide, que é capaz de tentar uma grande transformação social, mas faltava-lhe a decisão rápida. Na guerra, o seareiro e alvarista tenente-coronel Hélder Armando Santos Ribeiro, republicano de sempre, sem jacobinismos e incapaz de subserviência. Nos estrangeiros, João de Barros (1881-1960), que é um dos grandes pedagogos republicanos. No



comércio e comunicações, o canhoto Plínio Octávio Santana e Silva, engenheiro militar, capaz de fazer obra avançada, mas decerto tolhido de escrúpulos. Nas

colónias, o cabo-verdiano Carlos Eugénio de Vasconcelos, *chegado de chofre à política*. Na instrução pública, o canhoto António Joaquim de Sousa Júnior (1871-1954), lente da Escola Médica do Porto. No trabalho, João de Deus Ramos (1878-1953), filho do poeta João de Deus. Na agricultura, o então *seareiro* Ezequiel de Campos, que tem como chefe de gabinete João Sarmiento Pimentel (1888-1987). Engenheiro, professor da faculdade de engenharia do Porto e do instituto superior de comércio.

● **Liberdade, pão e instrução** – O lema do ministério é *Liberdade, Pão, Instrução*. Invocando a *justiça social*, constitui uma tímida tentativa de um cartel das esquerdas à portuguesa, sem mobilizar socialistas e não tendo sequer a base doutrinária do radicalismo francês. José Domingues dos Santos fala na necessidade de um *saneamento moral*, reconhecendo que os governos da república se colocam *abertamente ao lado dos exploradores contra os explorados*.

Caetano, Marcello (*A Depreciação...*): 346; Cardia (II): 39, 66, 67; Costa, Carlos Gomes da (II): 178; Cruz, Manuel Braga: 118, 258, 301, 310, 319, 320, 349; Gouveia, Rosa: 57, 58; Leal, Francisco da Cunha (1966, II): 384, 405ss., 406, 412ss., 419; Marques, Oliveira (*As Estruturas...*): 264, 295, 409, 410; (*Nova História...*): 232, 233, 264, 295; Martins, F. Rocha (*A Europa em Guerra*, II): 406, 407, 430; Nunes, Leopoldo: 84; Pabón, Jesus: 547, 548 ss.; Pereira, José Pacheco: 64, 65; Peres, Damião: 371, 373, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 390, 519; Rodrigues, Edgar: 225, 353; Ruivo: 53, 62 ss., 69; Serrão, Joaquim Veríssimo (XI): 290 ss.; Telo, António José (I): 276, 277, 279, 280, 281, 306, 309; Xavier, Alberto: 82, 83, 87, 99, 104, 111, 112, 123, 126, 131, 133, 139-144.